

**DR. FERNANDO
GOMES PINTO**



**AMANDA CAPUANO
GOMES PINTO**

**se ninguém
FALA,
ninguém
FICA
sabendo**

**UMA CONVERSA ENTRE UM PAI NEUROCIENTISTA E
SUA FILHA ADOLESCENTE SOBRE AUTOESTIMA,
EXPECTATIVAS, LIMITES, ESCOLHAS, SAÚDE MENTAL...**

PAIDÓS

**DR. FERNANDO
GOMES PINTO**

**AMANDA CAPUANO
GOMES PINTO**

**se ninguém
Fala,
ninguém
Fica
sabendo**

**UMA CONVERSA ENTRE UM PAI NEUROCIENTISTA E
SUA FILHA ADOLESCENTE SOBRE AUTOESTIMA,
EXPECTATIVAS, LIMITES, ESCOLHAS, SAÚDE MENTAL...**

PAIDÓS

Copyright © Fernando Gomes Pinto e Amanda Capuano Gomes Pinto, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Mariana Rimoli
REVISÃO: Valquíria Matioli e Caroline Silva
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
CAPA: Gabriela Pires
e Guilherme Vieira/Estúdio Daó

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Pinto, Fernando Gomes

Se ninguém fala, ninguém fica sabendo: uma conversa entre um pai neurocientista e sua filha sobre autoestima, expectativas, limites, escolhas, saúde mental... / Fernando Gomes Pinto, Amanda Capuano Gomes Pinto. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
160 p.

ISBN 978-85-422-1964-7

1. Parentalidade 2. Pai e filha I. Título

22-5573

CDD 306.874

Índice para catálogo sistemático:
1. Parentalidade



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Quatro e impresso pela Geográfica para a Editora Planeta do Brasil em outubro de 2022.

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Sumário

Existe amizade entre pai e filha?	7
MEU PAI É MEU (MELHOR) AMIGO.....	11
 Capítulo 1	
Virei pai, e agora?	16
OI, PAI, TÔ AQUI!.....	33
 Capítulo 2	
Minha filha cresceu, e agora?	38
NÃO SOU MAIS CRIANÇA, PAI!.....	63
 Capítulo 3	
O que está por trás da realização de um sonho?	70
A FESTA DE QUINZE ANOS, MEU SONHO.....	80
 Capítulo 4	
A internet é um mundo maravilhoso, mas com limites	86
QUEM SOU EU NAS REDES SOCIAIS?	
A AMANDA EMPREENDEDORA	104

Capítulo 5

A liberdade é uma via de mão dupla..... 110

**MEU PAI JÁ VIVEU O QUE
ESTOU VIVENDO HOJE.....118**

Capítulo 6

Você acredita em quê?..... 126

as conexões COM ALGO MAIOR..... 130

Capítulo 7

CRESCI, e agora? o que eu vou ser?..... 134

Como orientar minha filha na
escolha da profissão?..... 142

Capítulo 8

Como lidar com a saudade?..... 148

a DISTÂNCIA QUE NOS APROXIMA..... 150

Capítulo 9

Educar é um ato de amor..... 154

EU AMO O MEU PAI..... 158

PAIDÓS

capítulo 1

CAPÍTULO I

"Ser pai de menina é, num primeiro momento, assustador. Pode dizer o que quiser, vir me falar que esse discurso está ultrapassado e que essa ideia é um machismo enraizado; estou aqui para mostrar o contrário. Eu realmente me considero um homem em constante aprendizado e pronto para colaborar na desconstrução dos discursos machistas, e isso não me impediu de me sentir assustado com a notícia de que seria pai de uma menina."

Virei pai, e agora?

Nenhum homem sabe o que é ser pai até, de fato, se tornar pai. E minha intenção aqui não é romantizar ou fazer um mea-culpa numa espécie de discurso romântico, dizendo que acompanhar, apoiar, estar presente e viver a gestação ao lado da mulher é ser um pouco pai. Não é.

Por mais companheiro e desconstruído que o homem seja, e por mais que ele já tenha percebido que precisa estar presente e viver a paternidade, a ficha só cai na hora em que a criança nasce. Antes disso, desculpem-me, os homens são apenas coadjuvantes. Cabe a você, homem, decidir que tipo de coadjuvante vai ser: o que participa e apoia a mulher ou o que simplesmente conta pra todo mundo que vai ser pai, mas na prática não sabe muito bem o que isso significa.

Ok. Eu sou o coadjuvante atuante e desde que soube que seria pai vivi a gestação (ou as gestações) de maneira intensa. Participei, dei apoio e, como médico, fiquei atento também ao pré-natal. Eu me interessei por tudo que dizia respeito aos meus filhos, mesmo antes de eles existirem de verdade. Isso, no

entanto, não me fez ser pai: me fez ser um bom companheiro. Na prática, eu sabia que estava sendo pai, mas não tinha uma vida dentro de mim, e isso faz total diferença.

Viver intensamente a gestação de uma criança desde o momento em que descobrimos que seremos pai é um dos passos da paternidade, mas nem de longe é o primeiro. O pai, de verdade, só nasce quando nasce o filho, ali no primeiro contato, na hora em que o homem encara o recém-nascido.

Nesse sentido, eu me considero um homem de sorte e um pai mais sortudo ainda. Não poderia escolher um cenário melhor: tenho quatro filhos (duas meninas e dois meninos) e uma enteada, sendo dois do primeiro casamento, dois do segundo e a enteada do terceiro. O que mais eu poderia querer?

A história da Amanda começa muito antes de ela nascer. Quando o irmão dela nasceu – eu me lembro como se fosse hoje –, tive um dos dias mais felizes da minha vida: eu me senti pai pela primeira vez. Tinha ganhado um filho, um menino saudável, cheio de vida e que me trouxe responsabilidades de pai e ainda a possibilidade de ser amigo. E é assim até hoje. Depois, quando ele começou a crescer, a ideia de vê-lo ao lado de um irmão era a melhor possibilidade do mundo. Foi quando a Amanda começou a ser planejada.

Para dizer a verdade, eu nunca fui o tipo de cara que fica por aí dizendo que tem preferência por um filho ou uma filha. Sempre quis ser pai, não me importava se fosse menina ou menino. Mas eu não fazia ideia de que a possibilidade de ser pai de uma menina (hoje pai de duas e padrasto de uma) me deixaria tão alegre e apavorado ao mesmo tempo. E foi o que aconteceu.

O segundo filho veio e, no momento exato em que eu soube que seria pai de uma menina, fui tomado por essa felicidade meio assustadora que, no fundo, queria dizer:

Como ser um bom pai de menina?

Será que ela vai ser minha amiga?

Será que vou ter ciúmes demais?

Como vou lidar com as coisas de meninas?

Existem coisas de meninas e coisas de meninos?

Sei que sou um bom pai de menino, mas e de menina?

Será que vou ter que aprender?

Como é ser amigo de filha?

Existe amizade entre pai e filha?

Mil perguntas passavam pela minha cabeça. Eu sentia um pouco de medo e, ao mesmo tempo, uma felicidade sem tamanho. Logo de cara havia realizado um sonho que nem sabia que tinha: ser pai de um casal. Um menino e uma menina que me chamariam de pai para sempre. Era, de fato, o melhor dos cenários. O desafio era como eu ia me preparar para tudo isso.

Aí, a Amanda nasceu. E, com ela, nasci pai outra vez. É claro, eu já era pai. Mas esse papo de que o segundo filho encontra o caminho mais fácil, que os pais já estão acostumados e que tudo flui de um jeito mais natural não existe. O segundo filho, para mim, era tão novidade quanto o primeiro. Afinal, o primeiro era um menino e o segundo era uma menina.

Se nasci pai pela segunda vez no mesmo dia em que a Amanda nasceu, depois nasci pela terceira vez e mais uma quarta vez, no nascimento do terceiro e do quarto filho.

A verdade é que a gente sempre acha que está preparado, que já aprendeu tudo, que basta ser um bom companheiro ao longo da gravidez e depois repetir com os mais novos tudo que já fez com os filhos mais velhos que não vai ter erro, mas não é bem assim que funciona na prática. E já de cara a Amanda, minha segunda filha, me mostrou isso.

1. Ela é menina

Ser pai de menina é, num primeiro momento, assustador. Pode dizer o que quiser, vir me falar que esse discurso está ultrapassado e que essa ideia é um machismo enraizado; estou aqui para mostrar o contrário. Eu realmente me considero um

homem em constante aprendizado e pronto para colaborar na desconstrução dos discursos machistas, e isso não me impediu de me sentir assustado com a notícia de que seria pai de uma menina.

Para começar, eu não queria errar com a minha filha. Acho que foi justamente com a chegada da Amanda na minha vida que comecei a me desconstruir e entender o quanto é importante dar espaço às mulheres, ouvi-las e garantir que elas ocupem um lugar de igualdade com os homens na sociedade. Afinal, no momento exato em que eu soube que teria uma filha, a primeira coisa que me veio na cabeça foi: preciso ser tão amigo e parceiro da minha filha quanto eu sou do meu filho. Preciso aprender a ser pai de menina para que a minha filha possa ser minha amiga. Essa responsabilidade é minha.

Então, desde o início a Amanda me abriu para um novo mundo. Entender o que era ser pai de uma menina me fez começar a perceber que boa parte do que a minha filha seria e enfrentaria na sociedade viria de mim, da minha maneira de passar ensinamentos e educação a ela. Logo, se eu queria que ela fosse minha amiga, eu teria de me esforçar para fazer parte do mundo dela e ser para ela o que eu gostaria que ela encontrasse do lado de fora da porta da minha casa.

O desafio era, então, aprender a ser um pai e um homem que eu acreditava serem os ideais para a existência da minha filha no mundo.

A CIÊNCIA EXPLICA

Há pesquisas que comprovam quanto a relação pai-filha influencia na construção da personalidade da mulher e nas relações que ela estabelece ao longo da vida.

Segundo a psicóloga e terapeuta Adriana Potexki, “a maneira como um pai se relaciona com sua filha tem muito efeito sobre quem ela será no futuro”.

Por esse motivo, a terapeuta aconselha aos pais se permitirem estar no universo de suas filhas, porque assim estabelecem uma relação de liberdade e segurança, fundamental para que elas o procurem num momento de resolução de problemas.

Fonte: Angélica Favretto. A importância do bom relacionamento entre pai e filha para o futuro da mulher. *Sempre família*, 12 abr. 2018. Disponível em: www.semprefamilia.com.br/educacao-dos-filhos/a-importancia-do-bom-relacionamento-entre-pai-e-filha-para-o-futuro-da-mulher/.

É. Eu não estava errado quanto à importância da amizade entre pai e filha.

De início, tive de aprender o básico:

- A)** Não tem essa de coisa de menina e coisa de menino: as crianças podem ser o que elas bem entenderem e brincar como quiserem. Tudo bem se meninos brincam de boneca e casinha, e é incrível se as meninas decidem jogar futebol ou explorar o mundo. São crianças.
- B)** Embora sejam crianças e possam fazer o que bem entendem, é importante respeitar a individualidade de cada um: cabe a mim, como pai, compreender o mundo de cada um dos meus filhos e participar, aprender cada detalhe. Só assim me torno amigo deles.
- C)** O relacionamento entre os adultos, sobretudo pai e mãe, não pode de maneira alguma atrapalhar a relação com os filhos: os adultos que lutem para aprender a separar os desentendimentos entre eles da vida com seus filhos e, nesse caso, por experiência própria, verdade, respeito e decisão em conjunto são as melhores saídas.

Se você é pai de menina ou vai se tornar um, comece a lição desde já:

Você, pai e adulto, é quem definirá se sua filha será sua amiga e companheira ou não.

2. A Amanda é ruiva e é a cara da mãe

Sabe aquela frase “filho é tudo igual, amo todos os meus filhos da mesma maneira”? Preciso dizer, e me desculpe se o magoo, mas isso é a mais pura mentira. Filhos não são todos iguais e nós os amamos de maneiras diferentes. O amor que sentimos por cada um de nossos filhos é gigante, inabalável e incomparável, mas amamos cada um de um jeito, exatamente por serem diferentes. Isso não é excluir ou reduzir o amor. Ao contrário: é respeitar e valorizar a diferença e a individualidade de cada um.

Pois bem. Na minha inocência de pai de segunda viagem, achei que a Amanda seria, no mínimo, parecida com o irmão, tanto física quanto psicologicamente. De cara, errei. A Amanda nasceu ruiva, uma bolinha vermelhinha e linda. Ruiva, muito ruiva. E a cara da mãe. De mim, ela tem alguns traços e talvez um pouco da personalidade. Diferente do irmão, diferente de mim. Mais um desafio.

Amei a Amanda no exato momento em que a vi pela primeira vez. Antes de ela chegar, eu achava que já sabia tudo sobre ser pai, sobre o amor de pai, que o irmão dela já havia me mostrado o caminho a seguir. Me enganei. Tudo era novo outra vez e, com ela, senti o amor se renovando, se multiplicando.

O presente de ser pai de um casal é maravilhoso, e ali, com os dois, eu sabia que tinha tudo e que poderia conquistar o restante do mundo só pra eles.

3. A separação do casal não é separação dos filhos

Já não é segredo para ninguém que fui casado, tive dois filhos, acabei me separando, me casei de novo, tive mais dois filhos e, depois, me casei de novo e ganhei uma enteada. E o meu primeiro casamento chegou ao fim quando as crianças ainda eram muito pequenas, o que tornava as coisas mais difíceis ainda. Entenda: a separação nunca é fácil. Aceitar que fracassamos num relacionamento é das coisas mais difíceis. Quando envolve filhos, então, a decisão de colocar um ponto-final na relação parece ser ainda mais complicada.

E se os filhos deixarem de amar um dos pais?

Vamos ter que morar em casas separadas?

Como vão ficar as crianças?

De quem é a guarda?

Eu vou ter dia e horário para ver os meus filhos?

Não podemos tentar outra vez?

Pelas crianças?

Vamos esperar as crianças crescerem um pouco mais?

Será que as crianças vão entender?

Não importa muito o que aconteceu e por que motivo o amor entre um casal que tem dois filhos acabou, essa questão não vem ao caso, mas sim as atitudes que se seguem a essa constatação. O ponto-final, a separação, muitas vezes é a decisão mais acertada ao se pensar nos filhos. Viver sem amor e num ambiente propício ao conflito e à falta de companheirismo não traz benefício a nenhum dos envolvidos.

Foi difícilimo – e é difícilimo para qualquer casal –, mas decidimos nos separar.

E foi nesse momento de separação que o desafio de ser pai – um pai 100% presente – se mostrou para mim.

Como seria dali em diante? Como os meus filhos me veriam como pai? Como eu continuaria sendo um pai presente mesmo não estando presente todos os dias na vida dos meus filhos? Como eu faria para manter uma boa relação com as crianças? Como seria o diálogo com a minha ex-mulher? E se ela encontrasse alguém, como os meus filhos veriam essa pessoa?

Para além do sofrimento de uma separação de um casal, inúmeras questões, dúvidas e inseguranças aparecem. Nem sempre tomar a decisão que é a mais acertada e que trará melhores resultados a longo prazo significa tornar o processo mais fácil e menos doloroso. Ao contrário, as dores, o sofrimento e a insegurança continuaram surgindo na cabeça dos dois. Hoje posso dizer com tranquilidade que as mesmas incertezas e inseguranças que existiam na minha cabeça também tomavam conta dos pensamentos da minha ex-esposa.

Entretanto, o que não posso deixar de mencionar em hipótese alguma é que a decisão de acabar com o casamento

foi tomada pelas duas partes e que nunca, em momento algum, nos perguntamos se teríamos de dividir as crianças. Sabíamos que a dinâmica ia mudar, mas nunca houve sequer o sentimento de que a partir da separação passaríamos a disputar ou a competir pelo amor dos nossos filhos. Uma coisa era certa: o diálogo entre os pais (e adultos da situação) teria de ser alinhado e os problemas do casal deixados de lado para o bem dos nossos filhos.

Então, desde o momento em que nos separamos, naturalmente – ou um pouco aos trancos e barrancos, com o passar do tempo –, ficou claro que:

1. A vida dos adultos não deve interferir na vida das crianças: simples assim, o papo de adulto, de um casal, sobretudo os que se tornam pai e mãe, não deve nunca ultrapassar a linha do diálogo entre as duas pessoas. Isso não quer dizer, pelo amor de Deus, que eu sou do tipo que acha que o homem ou a mulher não devem compartilhar problemas e reclamações com uma rede de apoio. Não, não é isso. Aliás, tenha uma rede de apoio sempre. Quero dizer que as decisões de um casal não devem reverberar no relacionamento do indivíduo com os outros. E isso até mantém viva a rede de apoio. No meu caso, aliás, valeu a máxima de que a separação foi a melhor coisa para a saúde mental dos adultos e dos nossos filhos. E isso melhorou, e muito, a minha convivência com as crianças e com a minha ex-esposa.

2. As crianças devem ser tratadas como crianças, mas isso não significa que devem ser feitas de bobas: omitir, mentir e deixar de contar a verdade a elas nunca é a melhor decisão. A verdade, por mais dolorosa que seja, deve prevalecer, e a dor e o sofrimento devem ser respeitados e sentidos até que passem. Lembre-se: de todo modo, todos sofrerão, por isso, é melhor que todos sofram com a verdade dos fatos do que com as mentiras reveladas aos poucos.
3. Tempo é valioso: com a separação, o valor do tempo ficou ainda mais evidente para mim – e acredito que para os meus filhos e para a mãe deles também. Isso significa que eu entendi que o tempo, de fato, é passageiro. E exatamente por esse motivo deve ser respeitado e vivido intensamente, com qualidade. Antes, eu tinha oportunidade de viver com os meus filhos 24 horas por dia, sete dias por semana, mas, com a separação, passei a ter menos horas, menos dias por semana. Com isso, passei a valorizar o pouco de tempo que tínhamos juntos. Entender isso fez toda a diferença na minha vida e na deles também. Por menor que fosse o tempo, se tivesse qualidade e verdade, estava tudo bem e já valia a pena.

A separação, bem como me adaptar a uma nova rotina, não foi fácil – acredito que nunca é. Por isso, manter o respeito por todos os envolvidos, me entender e compreender a nova dinâmica da minha vida foram elementos essenciais para me manter tranquilo e capaz de lidar com todas essas transformações.

A CIÊNCIA EXPLICA

Se você, adulto, chegou a pensar que por algum motivo geracional ou até mesmo por experiência e maturidade seria possível esconder dos seus filhos que alguma coisa não andava bem no seu relacionamento com o seu parceiro ou a sua parceira, você pensou errado. Ou melhor, até é, mas só se seu filho tiver até três anos de idade; caso contrário, nada feito. Isso mesmo: atualmente, já é mensurado por diversas pesquisas da área da psicologia e da neurociência como as crianças e adolescentes reagem à separação dos pais. Quer ver?

Até os três anos

Crianças de até três anos de idade ainda não têm consciência de que há uma relação entre um casal. Para elas, há apenas a demonstração de sentimentos entre cada indivíduo que compõe a família. Isto é, elas não são capazes de entender que há um elo para além da própria existência. No entanto, é possível,

A CIÊNCIA EXPLICA

sim, perceber sinais de alteração no humor, no sono e no apetite de crianças dessa faixa etária logo após os primeiros meses de separação do casal, sobretudo em crianças em fase de amamentação.

Dos três aos seis anos

Diferentemente do que ocorre até os três anos de idade, crianças de três a seis anos já compreendem que há uma relação entre o casal que compõe a sua família. E, por esse motivo, quando ocorre uma separação, é comum que crianças dessa faixa etária se sintam responsáveis por ela ou que pensem que os pais não as amam e, mais do que isso, tenham dificuldade para aceitar a notícia e se sintam abandonadas ou traídas.

Nesses casos, é possível perceber alterações claras no humor e comportamento das crianças, que podem vir a ter atitudes irritadiças e agressivas e até regredir no desenvolvimento, como voltar a fazer xixi na cama.

A CIÊNCIA EXPLICA

Dos sete anos à adolescência

Nessa fase, as crianças já conseguem perceber os motivos da separação e, por isso, fazem muitas perguntas, numa tentativa de reconciliar o casal que se desfez. Além das infinitas perguntas, as crianças dessa faixa etária passam a ter dificuldades para dormir, podem se isolar e apresentar alterações comportamentais e até relacionadas à alimentação e à autoestima.

Independentemente da faixa etária em que se encaixa seu filho ou sua filha, a melhor escolha é o diálogo e a abertura para as inúmeras demonstrações de afeto e segurança. Você, adulto, precisa entender o quão vulnerável pode ficar a rotina de uma criança, que vê tudo aquilo que ela conhecia como certo se transformar. E, por isso, calma, empatia, respeito e paciência são os melhores *conselhos* que você pode receber na hora de uma separação.

Fonte: Willian Rezende do Carmo. Separação dos pais: qual o impacto na vida das crianças, como conversar? *Neurologista infantil*, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://neurologistainfantil.com/separacao-dos-pais/>.

Não podia deixar problemas para depois. Eu sabia que o dia ia acabar, então, tinha de resolver todas as questões com os meus filhos ali, no presente.

Querendo ou não, a dinâmica no relacionamento com os meus filhos estabelecida logo após a separação foi maravilhosa para a relação que criei com eles. De uma maneira ou de outra, com o fim do casamento, os problemas que existiam na rotina de marido e mulher deixaram de existir, e o diálogo entre os adultos, como pai e mãe, passou a prevalecer e ganhar a importância que deve ter: a nossa preocupação comum era a educação dos nossos filhos e, quanto a isso, não havia discussão, queríamos o melhor para eles. Embora em alguns momentos pudéssemos ter opiniões diferentes – como ainda temos –, ganhava (e ganha) o que é melhor para os nossos filhos. O raciocínio é simples:

1. A verdade é sempre importante, nada de esconder ou tomar decisões sem que o outro saiba.
2. Se a resposta é sim – para qualquer decisão – para os dois, não há mais o que discutir.
3. Se um diz não, o outro se compromete a entender o porquê e ponderar o que vale a pena.
4. Se há dúvida de ambas as partes, vale esperar e refletir até que a resposta certa apareça.

O diálogo sustentou e sustenta, dia a dia, a relação que construo com os meus filhos. E com a Amanda, especialmente, é o diálogo que mantém fortes as nossas relações de pai e filha e de amizade. Desde sempre, com a Amanda ainda muito pequena, estabelecemos uma relação de muita proximidade e confiança: eu sempre a vi como uma amiga, uma pessoa com quem posso contar, errar, confidenciar os meus medos e as minhas inseguranças e, ainda assim, ser o pai dela.

A Amanda me ensinou a ser pai de menina e me fez ser um pai melhor para o irmão mais velho dela e, depois, é claro, para a irmã e o irmão que ela tem somente por parte de pai. É bem verdade que eu sempre quis ser pai e já achava maravilhoso ser pai de menino. Sabia que teria o meu filho para compartilhar gostos em comum, para ter papos de homem para homem, entender o mundo e crescer, mas, ao me tornar pai de uma menina, entendi que tinha muito a melhorar e a evoluir como ser humano. E o que me guiou nesse sentido foi querer ser amigo da Amanda, ser um pai com quem ela também pudesse compartilhar gostos em comum e conversar sobre tudo, assim como eu sabia que seria sendo pai de um menino.

Aprender com os filhos é sempre um bom caminho a ser seguido.

OI, PAI, TÔ AQUI!

Chegou a minha vez de falar sobre o meu pai e sobre o que é ser filha dele. Pra dizer a verdade, parar para pensar sobre isso é um pouco engraçado. Eu sempre o vi como meu pai e também como meu amigo. Recorrer à memória para falar sobre ele quando eu ainda era bem pequena é maravilhoso: é ao mesmo tempo divertido e emocionante.

Nunca houve um dia em que eu tenha sentido que não podia contar com o meu pai para qualquer coisa. Mesmo quando ele se separou da minha mãe, sabia que ele estava ali para tudo. Bastava pegar o telefone e chamá-lo para qualquer coisa – qualquer coisa mesmo – que ele estava ali, disposto a ouvir e a atender o que quer que fosse.

Todo mundo acha que o filho – ainda mais a filha – mais novo tem um monte de privilégios com os pais. Tudo parece ser mais fácil, pois os pais, em teoria, são mais flexíveis e mais dispostos a ceder do que com os filhos mais velhos. Eu até posso concordar com isso em alguns pontos, mas seria

injusta se dissesse que consigo as coisas mais rápido ou mais fácil com o meu pai só porque fui a filha mais nova durante um tempo. Vejo muito que o meu pai sempre nos tratou de um modo único, ou seja, nunca percebi que havia qualquer comparação ou diferença entre mim e o meu irmão e, depois, entre os meus irmãos e, agora, com a enteada dele. Acho que isso é o que mais me chama a atenção quando paro para pensar na nossa relação. Na verdade, eu amo isso.

Isso quer dizer que não tem briga? Que não tem chateação e desentendimento? Que não tem frustração? Que não tem decepção? Que não tem *falei demais, desculpa*? Que não tem *preciso ficar sozinha agora*? Que não tem *poxa, acho que você exagerou aí*? Tem, e tem muito. Ele é meu pai antes de ser meu amigo, então, em alguns momentos, por mais afinidade e intimidade que a gente tenha, muitas das minhas vontades – e das dele – acabam sendo não correspondidas.

ENTENDER QUE ELE NÃO É SÓ MEU PAI

Eu já nasci caçula e, portanto, nunca tive a "experiência" de ser filha única, mas preciso dizer que foi difícil entender que eu tinha que *dividir* meu pai com meus irmãos. Eu amo os meus irmãos, amo muito mesmo, e morro de saudades deles (os mais novos, atualmente, não moram no Brasil e nos vemos poucas vezes por ano), mas quando eles nasceram já havia uma dinâmica estabelecida e que funcionava bem para dois. Ai, eles chegaram e tudo mudou, claro.

Hoje, eu entendo e amo a nossa dinâmica. Mas, no começo, aceitar que passaria a ter um tempo em conjunto com mais

dois irmãos foi difícil. Isso não significa que eu não gostava deles ou que tinha ciúmes – ok, talvez eu tivesse um pouco –, mas sim que eu tinha que me readaptar e encontrar um tempo que fosse só meu e do meu pai. Não foi rápido e, muitas vezes, o meu jeito mais introvertido deixou meu pai e meus irmãos chateados – se eu não queria ou se mudava de ideia em cima da hora, não pensava duas vezes, não saía com eles e pronto. Hoje, entendo melhor e sei que, em alguns momentos, para estar com meu pai eu vou estar com os meus irmãos também e, em outros, estaremos só nós dois, assim como ele faz com eles. E tudo bem ser assim.

Isso nos aproximou e nos fez ainda mais amigos, porque:

- a)** Ele estabeleceu os limites dele, me fez entender e respeitar os meus irmãos. Ele também é pai deles e ponto.
- b)** Eu estabeleci os meus limites, tive espaço para agir como achava que tinha de ser e de falar o que não estava funcionando para mim.